

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
I SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

**O TELEJORNAL DO POVO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO TELEJORNALISMO
SENSACIONALISTA E SUAS DRAMATIZAÇÕES.**

Letícia Tavares Bulhões Padilha - lunaleka@hotmail.com

SÃO PAULO
NOVEMBRO DE 2009

O TELEJORNAL DO POVO: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO TELEJORNALISMO SENSACIONALISTA E SUAS DRAMATIZAÇÕES.

por: *Letícia Tavares Bulhões Padilha* - lunaleka@hotmail.com

RESUMO:

O objeto de estudo desta pesquisa é uma recente vertente de telejornalismo que é o telejornal do povo, que “fala a sua língua”. Como foco, utilizaremos o telejornal *Balanço Geral*, da Rede Record. Este é um formato padrão de um telejornal que é transmitido como programação local em várias partes do Brasil. O programa aborda temas como saúde, segurança (seqüestros, homicídios, apreensão de armas e drogas, assaltos, vandalismo, etc.) e curiosidades, e tudo com muito “bom humor e irreverência”. O objetivo da pesquisa é entender o porquê do uso de certas técnicas para prender a atenção deste público, como a escolha de certos tipos de reportagens que focam temas polêmicos, das performances de apresentadores (quase sempre enfatizando ou o humor, ou o drama), do discurso, e outros artefatos da mídia televisiva, para que assim possamos entender o porquê que o telejornal do povo deveria ser nesses moldes e para isso, verificaremos quem é este povo ao qual o programa se refere. Foram analisados trechos de reportagens do programa *Balanço Geral* do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo que reportem a dramatização do telejornalismo além da leitura de bibliografia especializada de autores da Sociologia, Filosofia e de autores do estudo da Comunicação. Foi possível concluir parcialmente que a escolha das reportagens vai de acordo com que o povo “representa” para a sociedade atual (construído historicamente) e assim, o que seria palpável para ele são reportagens que destoam do telejornalismo convencional e a dramatização se justificaria pela lógica do entretenimento.

Palavras Chave: **Sociologia da Comunicação, Jornalismo Sensacionalista, Televisão.**

1- INTRODUÇÃO

A relação entre homem moderno e suas diversas formas de se relacionar através dos meios de comunicação veio, no decorrer dos anos, sofrendo modificações desde as sociedades antigas até as sociedades contemporâneas, tanto por conta do surgimento de novas tecnologias, quanto pelas transformações do próprio indivíduo, da sociedade e seus diferentes modos de utilizar-se dos meios de comunicação para continuar dando condições para a sua existência e realização.

Esta pesquisa focaliza o telejornalismo televisivo brasileiro. A história deste se inicia na década de 50 logo no início da transmissão televisiva, na Rede Tupi, de Assis Chateaubriand, com o telejornal *Imagens do Dia*. Ele se resumia em um âncora que redigia e falava as notícias, e algumas imagens eram postas entre uma notícia e outra, em preto e branco e sem som. A partir daí, com a chegada de novas emissoras e novas tecnologias, o telejornalismo foi mudando seu formato e sua forma de interagir com o público, até chegar ao tipo de telejornal que nos interessa de fato para esta pesquisa.

O objeto de estudo é o telejornal do povo. Apesar do nome deste ser pouco convencional, esta é uma vertente do telejornalismo que vem sendo desenvolvida desde o início dos anos 90. O precursor do que podemos chamar de jornal do povo foi o *Aqui Agora* no SBT, em 1991. Silvio Santos idealizou um telejornal que fosse popular no formato e na linguagem (para se diferenciar do jornal bem comportado e politicamente correto da Rede Globo). Foi pioneiro no Brasil no uso do gerador de caracteres ao exibir manchetes escandalosas sobrepostas às imagens. Um dos repórteres deste programa era o caricato Gil Gomes. Seu figurino eram roupas de tons vibrantes e bem simples; seus gestos (principalmente aquele famoso, com a mão direita) se faziam ao ritmo da notícia e sua entonação indo conforme a tensão da notícia que na maioria das vezes era de cunho policial.

O objetivo da pesquisa é compreender qual o diferencial do telejornal do povo para o telejornal dito convencional e porque haver tais diferenças para que este tipo de telejornal atraia o povo. É o telejornal que “fala a língua” dele, mas, por que o uso de certos tipos de vocabulário, expressões, reportagens, ou melhor, de certas *dramatizações* para que este seja necessariamente o telejornal do povo? E na verdade, todo este aparato de artifícios que transparecem ao público como componentes de um telejornal do povo, só o torna cada vez mais sensacionalista.

Um ponto importante é que após o surgimento do *Aqui Agora*, muitos outros surgiram neste formato, e principalmente os que surgiram após 1995, seguiram uma tendência no mínimo curiosa para nosso estudo: o âncora se tornou apresentador, que por sua vez,

apresenta o telejornal em pé, e não sentado como um âncora convencional. Assim, teria o estúdio de telejornal se transformado em um palco para dramatizações?

É possível verificar também que a maioria dos apresentadores que provém de uma carreira desse tipo de telejornal acaba mantendo-se e identificando-se com ele, por exemplo, Wagner Montes do *Balanço Geral* carioca, já foi apresentador e repórter do *Aqui Agora*; José Luiz Datena, ex-apresentador do *Cidade Alerta* da Rede Record, hoje, apresenta o *Brasil Urgente*, na Rede Bandeirantes; Nei Gonçalves Dias que já havia sido apresentador do *Aqui Agora* também já foi apresentador do *Cidade Alerta* na Rede Record em 1995 e saiu de lá para voltar a apresentar o *Aqui Agora*; Ricardo Sapia, ex-repórter do *Cidade Alerta* apresentou por um tempo o *Balanço Geral* mineiro e hoje apresenta o *Minas Urgente* na Rede Bandeirantes de Minas Gerais. Assim, é possível verificar que existe um tipo de apresentador específico para esse tipo de programa, que seja acostumado a este tipo de telejornal, ou que pelo menos compreenda rápido o funcionamento da sua dinâmica – e claro, e que esteja disposto a fazer esse tipo de programa.

Para que seja representada essa nova vertente, foi escolhido o telejornal *Balanço Geral* da Rede Record. Este é um formato padrão de um telejornal que é transmitido como programação local em várias partes do Brasil. Entra ao ar logo após o programa *Hoje em dia*, programa matinal que termina normalmente no horário do almoço, por volta de 13h. Para a análise foram escolhidas três localidades da Região Sudeste onde ainda é transmitido este programa: Minas Gerais, apresentado por Mauro Tramonte; Rio de Janeiro apresentado por Wagner Montes; e Espírito Santo, apresentado por Amaro Neto. Em São Paulo o telejornal parou de ser exibido sem maiores explicações. O telejornal estreou no Rio de Janeiro no ano de 2006, no Espírito Santo em 2009 e em Minas Gerais em 2005. Este foi escolhido por conta de além de se encaixar em todos os moldes de um telejornal sensacionalista tais quais os referidos acima, ele conta com algo bem peculiar: o humor representado através de sátiras, ironias e performances dos apresentadores - uma mais criativa e mais curiosa que a outra.

A hipótese é que partindo da premissa de que o povo é o público alvo, a emissora acredite que para que este se interesse por determinados tipos de assunto do telejornalismo, é preciso que ele seja moldado conforme seu entendimento, e conforme seu interesse, de modo que quanto mais “lúdico” for o programa, mais de interesse dele ele será devido seus artifícios utilizados para que isso aconteça. A dramatização utilizada por estes programas seria parte deste “lúdico”. Desta forma, como a TV deve atender as necessidades do telespectador, esta necessidade foi atendida com um programa criado aos moldes do que o povo gostaria de ver, uma vez que o espetáculo faz parte do entretenimento. (FILHO, 1987, p.7) Sendo assim, a mídia televisiva e o telespectador teriam

uma espécie de acordo: o telespectador “consome” o que é transmitido, a emissora ganha com os patrocinadores.

A forma como este amontoado de “informações”, curiosidades e temas “pertinentes” a este povo são colocados e os artifícios que estes programas utilizam para prender a atenção deste público poderiam ser interessantes suficientemente para despertar o interesse em desenvolver uma pesquisa acerca deste tema.

Serão analisados três vídeos do site especializado Youtube, referentes a trechos de cada um dos programas dos três Estados já mencionado acima. No total serão nove vídeos analisados de forma a compreender o uso de técnicas da mídia de manter a atenção do telespectador. Esta amostragem foi escolhida devido a localização (por serem os três estados que compõem a Região Sudeste juntamente com São Paulo) e devido a facilidade de acesso aos vídeos no site referido acima. Pretende-se também, fazer uma pesquisa de campo por meio de métodos quantitativos, com pessoas de todas as classes sociais para que seja compreendido quem é o povo ao qual o telejornal se refere e se a pessoa entrevistada se sentiria parte desta “coletividade”. Pois uma vez que é posta uma separação entre o jornal do povo e o convencional, este último, seria para quem? Para uma elite burguesa? Por que o formato do telejornal convencional e suas reportagens não interessariam o povo? Será feita uma pesquisa interseccional de amostra não-probabilística em alguns bairros da cidade de São Paulo, pretendendo-se entrevistar por volta de 50 pessoas.

Já, a parte teórica, será debatida por conta de autores da Comunicação como Eugênio Bucci e Ciro Marcondes Filho e a psicanalista Maria Rita Kehl, para compreender a questão da televisão na sociedade do espetáculo e a função e utilização do telejornalismo e da televisão hoje, principalmente no Brasil, tendo o respaldo de Walter Benjamin para a abordagem das técnicas de narração e Jurgen Habermas a respeito da teoria da competência comunicativa. Será utilizado Nelson Werneck Sodré para uma melhor conceituação acerca de quem é o povo, e como que ele pode ser visto pela sociedade contemporânea e por fim, para a análise de discurso teremos o auxílio de Theodor Adorno, utilizado por Iray Carone, Professora do Instituto de Psicologia da USP, em seu artigo sobre fascismo e anti-semitismo.

DESENVOLVIMENTO

Para que possamos abordar alguns temas pertinentes a este projeto, a princípio, iremos discorrer acerca de alguns termos (alguns deles já citados anteriormente), conceituando-os, de forma a auxiliar a compreensão de alguns pontos que serão explanados nesta pesquisa.

Poderíamos começar pela definição de jornalismo. Segundo Eugenio Bucci (2004, p. 135) este pode ser entendido como a função de narrar a aventura humana para outros humanos, ou seja, é sempre um discurso sobre um segundo sujeito. Com a televisão, o meio de comunicação mudou, além de ser uma distração, é um veículo que funciona como meio de atualização (FILHO, 1987, p.20). Antes mesmo de ser criada, ela já possuía um lugar no imaginário humano, vide Olavo Bilac que, na Revista Kosmos em 1904, idealizou um *cronófono*, que revolucionaria a indústria da imprensa diária e periódica. Desta forma, podemos começar a discorrer acerca da importância da narração no telejornalismo, pois é através desta que o telespectador irá se sentir “envolvido” pela matéria, assim, como nos romances, que a narrativa prende a atenção do leitor a cada página. A narrativa é algo parecido com uma forma artesanal de comunicação, de maneira que a esta adere à marca de quem a narra (BENJAMIN, 1980, p.63), e, se tratando de um telejornalismo, o narrador da história nada mais seria do que o apresentador do programa – e este precisa “ter a cara” do apresentador. Ainda mais no caso de um telejornal, o apresentador ao narrar a notícia, ele acaba por ter uma forma própria de narrá-la, que é o que dá o tom do programa, que é o que dá a sua caracterização.

Agora, para que aconteça uma boa “sintonia” entre o telejornal e o telespectador, tem de haver uma identificação por parte do telespectador com o estilo do programa e isso envolveria, principalmente, conteúdo e linguagem. Segundo Bárbara Freitag e Sérgio Paulo Rouanet, organizadores da obra *Habermas* (1993, p. 18), a respeito da teoria da competência comunicativa, toda comunicação é também uma metacomunicação. Estas teriam quatro elementos fundamentais para seu funcionamento como “expectativas de validade”:

- O conteúdo deve ser compreensível;
- Os interlocutores devem mostrar veracidade em seu discurso (veracidade no sentido de credibilidade);
- Os conteúdos devem ser proposicionais;
- Deve de ter alguém que profira este discurso.

E através desta lógica é possível ser desenvolvida a questão do público alvo. Vamos adequar estes quatro elementos fundamentais para Habermas no esquema de funcionamento de um telejornal. Todos os elementos acima têm de atender as necessidades deste público alvo – que já foi pré-determinado no momento que o programa, ou no caso,

telejornal foi criado. Ele deve ser compreensível, ter credibilidade, ter conteúdo adequado e alguém para proferir o discurso a este público alvo, que, no caso de nosso objeto de estudo, este público alvo é o povo. É visível que há uma sintonia entre o que o telespectador quer assistir (este interesse muitas vezes podendo ser ditado por uma cultura de massa) e o que o telejornal se propõe a mostrar, uma vez que este deve corresponder às expectativas do seu público alvo, ou consumidor. O programa, por sua vez, entendendo a dinâmica do seu público alvo, dará a eles o que procuram e tudo que for próximo ou referente a isto.

Maria Rita Kehl (2003, p.44) acerca desta questão do telespectador ser consumidor afirma que da indústria cultural à sociedade do espetáculo, o que houve foi apenas um aperfeiçoamento técnico dos meios de se traduzir a vida em imagem, abarcando assim toda a extensão da vida social, pois o consumo e o fetiche é o mesmo tal qual era na indústria cultural, e dessa forma, a alienação do trabalhador completa-se na transformação de consumidor: mesmo que não consuma as mercadorias propagandeadas, ele consome as imagens que são produzidas.

Agora que foi discorrido sobre a importância do público alvo, vamos descobrir quem ele é, ou melhor: quem seria o povo ao qual se refere o telejornal *Balanço Geral*? O conceito de povo, segundo Nelson Werneck Sodré (2008, p. 14), evolui conforme a sociedade vai se modificando. O povo, há cem anos, não é igual ao que é hoje, desta forma o conceito de *povo* é uma abstração. Há motivos históricos para que a classe dominante seja vetada da inclusão do coletivo *povo*. Sodré ainda nos relembra que em todos os grandes movimentos e revoluções que alteraram a situação das classes sociais em relação às outras sempre era da queda de uma minoria que era representada por esta classe dominante e ascensão de outra minoria, que, ao contar com a aceitação pacífica da maioria, se transformavam neste grande coletivo que é o *povo*. Desta forma, este termo foi historicamente tido como algo pejorativo, por ser aquele grupo que não tem dinheiro, cultura, a plebe, ou seja, era o oposto da classe dominante que era representada por uma elite.

A partir do momento que é criado um telejornal destinado a este povo, também é instituído que haja um telejornal pra elite, de modo que as matérias abordadas por este telejornal e a postura dos âncoras não seriam condizentes com o que este povo quer ver, ou saber.

Para esta pesquisa, iremos utilizar o termo *elite* de uma forma mais generalizada: como membros de uma classe dominante (mas não que não sejam trabalhadores, tal qual no sentido estritamente marxista), localizados em uma camada “hierárquica” relativamente superior, no ponto de vista de uma estratificação social e que tenham um certo capital

intelectual ou cultural, como diria Bourdieu, ou seja, que tenham um certo status por conta de possuir um maior conhecimento acadêmico em relação à massa¹.

E o que este público alvo espera de um programa? Retomando a teoria da competência comunicativa de Habermas, o conteúdo deve ser proposicional. Assim talvez consigamos explicar o motivo pelo qual, certos temas são abordados pelo telejornalismo sensacionalista. É razoável que o conteúdo que interesse ao povo sejam assuntos palpáveis a ele, como, por exemplo, o funcionamento de um hospital público, ou como anda a segurança de sua região, ou até mesmo uma matéria sobre quem é o taxista que estava com a ex-namorada de Pedro, do caso do vídeo “Pedro e o Chip”, de muita repercussão na internet. Interessa muito mais para ele saber o que fizeram com a escola de uma região semelhante à que ele mora, ou até mesmo uma reportagem sobre algo engraçado que está em voga, do que o que está acontecendo com a política externa, por exemplo.

Ainda na teoria da competência comunicativa de Habermas, o conteúdo deve ser compreensível e deve ter alguém que o profira. E desta forma, podemos começar a abordar a questão dos apresentadores dos programas. Para que o conteúdo do telejornal seja compreensível ao povo, o programa precisa “falar a língua” dele, tal qual dito na descrição do programa. Entretanto, precisamos verificar até que ponto isso implicaria algo apelativo se tratando do povo, ou de algo necessário. E esta apelação seria o tempero que faz parte da dramatização feita pelos apresentadores deste tipo de telejornalismo. Verificaremos então em qual ponto a “prestação de serviço à população” se torna uma teledramatização.

Para a abordagem, foram assistidos três vídeos de trechos do programa de cada um dos 3 Estados já citados e, a partir desta pequena amostragem, serão abordados alguns exemplos de reportagens que, para que fosse dada ênfase ao conteúdo da matéria foi necessária “a ajuda” do apresentador para que ela tivesse o efeito necessário para atrair a total atenção do público.

A estrutura do programa é a seguinte: em cada localidade que ele é transmitido, o cenário tem nas paredes fotos da cidade e de pontos turísticos, um palco grande, com uma mesa a qual os apresentadores quase não usam, e em uma das laterais do estúdio tem uma tela (de plasma) na qual passam as reportagens que os telespectadores também assistem. Os apresentadores sempre usam roupa social e as notícias, conforme já dito na introdução, tratam de assuntos como saúde, segurança (homicídios, assaltos, vandalismo, apreensões de drogas, etc.) e curiosidades.

- Vídeo 1 – Balanço Geral ES: A galinha traficante

¹ Utilizaremos o termo *massa* para designar também *povo*, uma vez que estamos tratando de mídia televisiva, e esta ser veículo de comunicação de massa, e o público alvo do programa em questão é o povo.

Descrição: *Balanço Geral ES* – Apresentador Amaro Neto começa falando sobre uma reportagem que será mostrada na qual o traficante escondia duas pedras de crack e outras pequenas em um galinheiro, debaixo de uma galinha choca em Vila Velha/ES. A reportagem é narrada por um locutor, e é dito por ele estritamente o que aconteceu (apesar de seu tom irônico). A matéria mostra as drogas achadas, a galinha, e o traficante. Após a reportagem, retorna para o estúdio, e o apresentador, ao som de uma música de estilo *psy* (e a sonoplastia colocar o som de uma galinha cacarejando ao fundo), abaixou e começou imitar uma galinha chocando e fumando crack, e dizendo que a galinha ficou “doidona” e que ela pretendia chocar as pedras pra nascer viciados.

Este é um exemplo bem interessante de reportagem. Um assunto sério que é o tráfico de drogas, sendo abordado de forma irônica pelo narrador da notícia e de forma dramática, “engraçada” e apelativa pelo apresentador. Muito além do local inusitado o qual as drogas foram escondidas, existe um problema muito mais sério que é o tráfico de drogas e as pessoas que são dependentes químicas, temas estes que ficaram ocultados pelo fato das drogas terem sido escondidas embaixo de uma galinha e que também, nem deveriam ser abordados por um telejornal, existem outros programas que teriam tempo para isso. Sim, tempo para isso, pois, acima da função de narrar, o jornalismo tem a função de informar a notícia. Ainda mais no caso do telejornal que, somado a isso tem todo o dinamismo da televisão, necessidade de mostrar rapidez, agilidade. Entretanto, neste caso, ele também deve ter a função de entreter o telespectador e é nesta hora que cada programa apela pra alguma coisa diferente.

Um telejornal, como por exemplo, o *Jornal Nacional*. Os âncoras dão a notícia, ela é transmitida e narrada e ao final dela, é raro ter um comentário do âncora, e mesmo assim se tem, é algo curto apesar de enfático, claro. Ou então, tem algum cronista, em determinada parte do telejornal que terá seus dois minutos voltados somente para a parte especificamente da opinião, da sátira, mas ainda sim, sua dramatização está somente nas suas expressões (na maioria das vezes somente faciais) e no seu discurso cheio de entonações. Não que um telejornal como o *Jornal Nacional* (no sentido de um telejornal tido como convencional) também não tenha suas dramatizações por parte de seus âncoras e suas notícias não sejam enviesadas de acordo com o interesse da emissora, mas ainda sim, não é (tão) apelativo como este tipo de telejornal puramente sensacionalista, pois, o jornal convencional tenta resistir como um campo discursivo que ainda carrega a pretensão de, no interior do relato que propõe, conter, sistematizar, e representar de modo neutro a objetividade dos fatos, como se desse para ser assim, e foi na TV que ele achou um novo palco para fincar sua autoridade. (BUCCI, 2003, p.30)

Retomando o caso do vídeo descrito. É uma constante do *Balanço Geral* que haja um comentário (que na maioria das vezes dura mais tempo que a própria reportagem) feito pelo apresentador e isso é esperado pelo telespectador. E é neste momento que o apresentador transforma de fato o estúdio em palco. E na sociedade de massa os indivíduos acabam tendo cada vez menos referências morais e capacidade de discernimento e gosto, pois rejeitam o esforço do pensamento e criam sua própria resposta emocional e sentimental em vez de pensarem, esforçarem-se e elaborarem suas próprias idéias. (STRINATI, 2002, p.30) E é através dramatização é que eles dão explicitamente suas opiniões (ou as opiniões da emissora), reforçam suas idéias com interpretações e gesticulações.

- Vídeo 2 – Balanço Geral (Wagner Montes) Notícia em primeira perna

Descrição: *Balanço Geral* RJ – O apresentador Wagner Montes começa a dar uma notícia que seria de primeira mão, mas, o programa fazendo alusão ao fato de ele não ter uma perna, põe escrito na tela que é em “primeira perna”. Um som de uma sirene de polícia e luz cenográfica de cor branca foi colocado ao fundo. Para o telespectador é colocado na tela um efeito de luz vermelha (para contrastar com o branco). Então, a notícia é de que dois policiais trocaram tiros com seis bandidos em três motos. Conseguiram apreender um revólver, duas espingardas e tudo isso na Via Light. O apresentador afirma que a polícia disse que eles estavam todos na vagabundagem, e que dois foram “de ralo”, morreram. E então, este joga a pauta do programa para longe. Parabeniza a polícia por ter feito a linha de frente contra os bandidos. Expressa com o corpo como se ele tivesse um fuzil na mão. E aí ele repete: “Dois morreram...” Ele arruma as calças e diz que ao tem condições de continuar o programa com este tipo de notícia. E ele começa a fazer uma voz de criança e diz que ficou triste porque somente dois morreram e deveria ter morrido os seis. E então, ele começa a fazer uma voz como se ele fosse um padre e diz: “Que estes dois seres descansem em paz...” – e faz uma cara de nojo e em seguida grita: “No colo do capiroto²!!! Lá embaixo!!! Na caldeira quente!!!”

Mais uma interpretação com um tom de comédia, mas muito além da comédia, tem um discurso fascista por parte do apresentador Wagner Montes, pois os dois bandidos que morreram foi por conta de uma troca de tiros com a polícia, esta só mata em legítima defesa (direito próprio ou alheio), ou em estado de necessidade ou estrito cumprimento do dever legal, conforme o artigo 23 do Código Penal. Partindo do princípio do dever policial, a função dela não é matar bandido, mas sim defender a sociedade e manter o Estado de Direito.

² Neste caso, *capiroto* seria um sinônimo de capeta ou diabo.

Matar o bandido é a última das circunstâncias. Se o policial mata e não for provado por meio de inquérito e processo através do Ministério Público que foi por legítima defesa ou por exercício do estrito cumprimento do dever legal, segundo o artigo 23 do Código Penal, ele sofre sanções legais assim como os civis. Desta forma é possível verificar que o discurso do apresentador Wagner Montes pode ser considerado uma apologia ao crime, inclusive quando faz alusão a estar segurando uma arma e matando alguém (de acordo com o nosso Direito) ou um discurso fascista, tendo em vista que a solução dos problemas do Estado estaria na racionalização da violência como mecanismo de defesa, ou seja: “matemos a todos que tenham um comportamento destoante da ordem”.

Se nós pensarmos através da lógica de que a massa não consegue pensar por si própria, mas sim, o que é ditado para ela pela mídia e publicidade e, o apresentador é o formador de opinião pública, de uma forma “lúdica” e dramática ele contribui para que a massa pense exatamente da mesma forma. E o apresentador ali está sob a personificação de um líder. Aquele líder que denuncia, que faz justiça, que “fala verdades”. Os telespectadores estão lá na frente da TV todos os dias esperando para vê-lo falar. De acordo com Iray Carone, Professora do Instituto de Psicologia da USP, Adorno observou que a personalização do líder no fascismo significa que ele personifica o regime totalitário como um *Duce*, um *Führer*, etc., que concentra todo o poder e autoridade em si mesmo e diante do qual nenhuma objeção e desobediência são possíveis. Contudo a finalidade do próprio regime permanece vaga e obscura para aqueles que lhe prestam obediência, restando apenas a alternativa de sacrificar-se por ela e buscar os meios para atendê-la. (CARONE, 2002, p.204) E desta forma, o povo fica exposto e submetido a este tipo de opinião, dita de uma forma agradável à mente das pessoas: através da piada.

- Vídeo 3 – Balanço Geral: Homem engole celular, carregador e droga.

Descrição: *Balanço Geral* MG - O apresentador Mauro Tramonte começa a falar sobre o caso de um presidiário que cumpria pena em liberdade e que ao retornar à cadeia, ao serem feitos os exames devidos, foi descoberto dentro de seu intestino um celular, um carregador, uma bateria e drogas. Antes de passar a reportagem, o apresentador quis enfatizar bastante o fato de ele ter colocado todos estes objetos no ânus e ainda disse que: “passarinho que come pedra sabe o bico que tem”, enfatizando que se ele colocou tudo isso naquele lugar, era porque ele já estava acostumado com isso. Satirizou também caso o celular tocasse, como que seria, pois uma vez que ele colocou o celular naquele local, o celular deveria obviamente estar no modo *vibracall* (fazendo alusão a algum tipo de acessório sexual que vibrasse). E então, começou a simular como seria o celular tocando no *vibracall* dentro do

presidiário. Então, depois da matéria ter ido para o ar, ele ficou se perguntando como que a bateria cheia de fios (pois não era de tomada) estava lá dentro dele (e ao fundo uma música sertaneja que falava algo do tipo “Quem é tá com a arruela do Eno?” que dita rápido, a frase tem conotação sexual).

Neste caso, podemos verificar por parte do discurso do apresentador Mauro Tramonte uma conotação homofóbica, pois primeiro, mesmo que por brincadeira, ele frisou que para o celular estar no ânus do preso, ele deveria estar no *vibracall*, o que foi uma brincadeira de péssimo tom, primeiro para o horário que é exibido, em segundo lugar que ninguém sabe as circunstâncias que levaram este preso precisar fazer isso, que no caso na reportagem, era dívida de drogas que ele tinha com outro preso, então, ou ele dava um jeito de entrar na cadeia com isso dentro, ou ele morria ao voltar para lá, o que de fato, não deixa de confirmar o dito popular que o apresentador disse: “passarinho que come pedra, sabe o bico que tem”. E, mesmo que ele fosse homossexual, não haveria o porquê ser exposto da forma que foi. E mesmo depois que a reportagem acabou, o apresentador não se conformou com o fato de ele ter colocado tudo aquilo no ânus, e ficou se perguntando se não teria doído ter colocado todos aqueles objetos, e a música, claro, acabou de dar o tom da “piada”, sendo que na verdade, não importa se doeu ou não, mas sim as circunstâncias que o levaram a fazer isso e, de novo, existem outros tipos de programa que são próprios pra tratar destes tipos de problema, e não um telejornal. E com este discurso preconceituoso, este telejornal se diz do povo. Mas quem é o povo? Então, o homossexual não faria parte deste público?

- Outros Vídeos

Apesar de termos descrito nesta pesquisa apenas três vídeos, vamos comentar alguns pontos importantes acerca dos outros também analisados, como por exemplo, o excesso do excesso da dramatização. Apesar de parecer redundante, têm dois vídeos que representam bem este adjetivação. O primeiro é o do *Balanço Geral* do Espírito Santo, com o apresentador Amaro Neto. Ele começa falando sobre uma reportagem na qual a delegacia de narcotráfico fez uma batida numa *rave*, onde oito de dez pessoas faziam o uso de *ecstasy*, maconha e cocaína “sem cerimônia”, conforme disse o próprio apresentador. Ao acabar a matéria, o apresentador, sério, faz uma simulação do que seria o filho falando para os pais que iria para a balada: “papai, vou para a balada”; “mamãe, vou para a balada” e que quando eles iam ver... (enquanto isso mostra de novo as cenas das drogas apreendidas) E ao retornar para o estúdio, aparece o apresentador e seu assistente, com duas faixas nas mãos, balançando e dançando freneticamente ao som da música que

tocava que era do ritmo *psy*, com óculos escuros, fazendo caras e bocas, e repetindo “só na balinha!”, e gritando, “ta lá o seu filhão, só mordendo a orelha, e você em casa preocupado!”, e depois desta performance o apresentador diz: “É mole? Até cansei...”

Sim, com certeza ele cansou. Porque aquilo tudo que ele fez não era necessário. Os telespectadores já haviam entendido a matéria, que não deixou em nada a desejar, deu todas as informações necessárias a uma matéria jornalística: O quê, como, quando, onde e quem. Mas a lógica da espetacularização “exigiu” do telejornal que ele abordasse o tema desta forma.

O segundo é do *Balanço Geral* do Rio de Janeiro com o apresentador Wagner Montes. Ele começa narrando a imagem de um assalto a um banco. Mais especificamente a um caixa eletrônico. Eram uns dez homens que balançavam, pulavam, sacudiam os caixas eletrônicos e ainda tinham uma máquina de contar dinheiro e demoraram mais de 35 minutos lá assaltando. Enquanto uma pessoa da produção comentava a matéria com voz sóbria e se restringia a falar somente sobre o assalto, o apresentador repetia com um tom irônico: “Tá munido hein? Tá amarrado, vagabundo...”, “Olha a incidência de vagabundo por metro quadrado!” com referência às cenas que apareciam. E é impressionante a propriedade que este apresentador em específico usa o termo *vagabundo*. Este termo na definição de Zygmunt Bauman (1999, pg. 117) é aquele que vaga, sem destino, é um errante em busca de sua liberdade, mas não que seja bandido. Mesmo porque, por pior que seja ele tem uma atividade, e o vagabundo de fato não.

Ao voltar para as imagens do assalto, o apresentador continuou narrando, e repetia, com um tom de voz bem debochado: “Ah! Eles são organizados!” (com referência a máquina de contar dinheiro que apareceu nos objetos apreendidos pela polícia), “olha, como eles se cumprimentam!”. E então, por um descuido de um dos assaltantes, ele deixou uma parte da sua parte traseira à mostra e, o apresentador não perdeu a oportunidade e disse, com a voz mais debochada possível: “Ah lá, o cara mostrando a bunda lá, tu viu? Ele dando pala de cofrinho, rapá... Dando pala de cofrinho, ah lá cumprimentando o outro cara lá, Êh!!! Dando pala de cofrinho, o gordinho ali dando pala de cofrinho, cê viu? (e neste momento a câmera volta para o cenário, e o apresentador começa a se inclinar para mostrar que parte do assaltante estava à mostra) Aquele que ta com as calça arriada aqui? Sem vergonha! Quer ver, quer ver, olha lá! Ali! Pagando de cofrinho...” E então, ele pede para parar a imagem na cena em que o tal “cofrinho” mais fica evidente. E então, para finalizar este comentário, ele diz que já que se tratava de um assalto, ele não tinha um cofrinho, ele tinha uma caixa forte. Vale frisar que em nenhum momento o outro narrador fez algum comentário acerca deste assunto, a não ser uma risada bem discreta que aparece uma vez no vídeo.

É bem perceptível a preocupação de Wagner Montes mostrar para o telespectador o “cofrinho” do assaltante mais do que o próprio conteúdo da notícia. Este vídeo em específico tem 4’39” de duração, e ele gastou 53” só para falar disso. A notícia equivale a 3’10” do vídeo, então o tempo que ele gastou para falar do “cofrinho” foi equivalente a quase 1/3 do tempo total da notícia. Então agora podemos nos perguntar: O povo estava interessado no “cofrinho” ou na notícia? Podemos dizer que primeiro na notícia, depois foi envolvido pela narração caricata do apresentador, e por fim, veio a se interessar pelo “cofrinho”, pois ele foi tão exaltado pelo apresentador, que no final, ele acabou sendo a atração principal do espetáculo.

CONCLUSÕES PARCIAIS

Como se trata de uma pesquisa em desenvolvimento, parte das atividades propostas como eventual ida a campo ainda não foram realizadas. Portanto apresentaremos apenas os resultados obtidos até o presente momento. Acerca de nossa hipótese, de que o programa deve ser moldado de acordo com o entendimento e o interesse do povo e por isso ele se interessa por este tipo de matéria jornalística, foi parcialmente comprovado dentro das quatro categorias da competência comunicativa de Habermas. Já em relação à parte da espetacularização dos fatos e da apelação pode-se dizer que a princípio, vem de uma conotação pejorativa do que seria o povo e do que o povo gosta de ver.

Já a parte da dramatização é justamente a questão da sociedade do espetáculo. O público se sente atraído por isso. Ele está assistindo televisão e uma pessoa começa a imitar uma galinha na frente dele, ele vai querer assistir porque ele busca além de informação, entretenimento na televisão, ele consome isso. Segundo Marcondes Filho, a televisão deve atender as necessidades humanas. Ela não tem necessidade de ver uma pessoa imitando uma galinha em um telejornal, mas o espetáculo se autolegitima dessa forma.

No próprio vídeo do tiroteio entre policiais e bandidos na Via Light isso pode ser claramente percebido em um sentido técnico mesmo, aquele tipo de luz cenográfica normalmente não se tem em estúdio de televisão, somente em shows musicais ou em apresentações de palco devido ao seu tamanho. Isso é o espetáculo da televisão.

Por fim, em relação às emissoras de TV, se elas agem de fato para um bem ou para o mal da massa, se ela de fato está preocupada com qualquer um dos dois, ou quanto ela “brinca” com essa capacidade de “condução” da massa, segundo Bucci (2004, p.133), se trata de buscar compreender de que forma a conformação da mídia já cristaliza padrões que não são somente ideológicos, lingüísticos, imaginários, mas acima de tudo, são padrões

éticos, principalmente em relação à forma como a notícia é passada para o telespectador, pois ele é concebido como função mediadora do espaço público e veículo de argumentos, às vezes mais ou menos racionais. Ainda em Bucci (ibidem), a “ética” (entre aspas mesmo) de hoje envolve a violência, o lucro, a exclusão e espetáculo. Seria preciso averiguar melhor a forma como a massa recebe isso, pois da maneira que ela está envolvida com o entretenimento televisivo, cada vez mais ela será “passiva” (isso é dito entre aspas pois a submissão do indivíduo à televisão é algo racional, ele sabe que “precisa” deste tipo de entretenimento) deste tipo de conteúdo televisivo. Os riscos que isso traz? Seriam estas cenas do próximo capítulo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro, 1999, Jorge Zahar Editor, 1ª Edição.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**. In: Textos Escolhidos. São Paulo, 1980, Abril Cultural, 2ª Edição.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**. São Paulo, 2004, Ed. Boitempo, 1ª Edição.

CARONE, Iray. Fascismo on the air: estudos frankfurtianos sobre o agitador fascista. **Lua Nova**. Nº 55- 56, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n55-56/a09n5556.pdf>> Acesso em: 20 nov. 2009

CERA, Denise Cristina Mantovani. **Qual é o conceito do estrito cumprimento do dever legal?**. 2008. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/noticias/152316/qual-e-o-conceito-de-estrito-cumprimento-do-dever-legal-denise-cristina-mantovani-cera>> Acesso em: 20 nov. 2009

FILHO, Ciro Marcondes. **Televisão: a vida pelo vídeo**. São Paulo, 1987, Ed. Moderna, 3ª Edição.

FREITAG, Bárbara; ROUANET, Sérgio Paulo. **Habermas**. São Paulo, Ed. Ática, 1993, 3ª Edição.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Quem é o povo no Brasil**. 2008. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/3108669/Quem-e-o-Povo-no-Brasil-Nelson-Werneck-Sodre>>. Acesso em: 21 nov. 2009.

VÍDEOS DE REFERÊNCIA

Autor Desconhecido. **Balanço Geral ES: Galinha traficante**. set. 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=CRBS74XUzMo>> Acesso em: 15 nov. 2009

Autor Desconhecido. **Balanço Geral ES Rave**. set. 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Twq92wtjRaE&feature=related>> Acesso em 15 nov. 2009

Autor Desconhecido. **Balanço ES: Cadê meu chip? Me dá meu chip Pedro!** set. 2009. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=qRii0RsrX8>> Acesso em 15 nov. 2009

Autor Desconhecido. **dança do capiroto**. jul. 2007. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=jq-yQLbHi_U> Acesso em 15 nov. 2009

Autor Desconhecido. **Wagner Montes Muito Engraçado 1/4.** jun. 2009. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=o6L1sm08nXA&feature=related>> Acesso em 15 nov. 2009

Autor Desconhecido. **Balanço Geral (Wagner Montes) – Notícia em primeira perna.** jun. 2009. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=rKD1IGIYxF0&feature=related>> Acesso em 15 nov. 2009

Autor Desconhecido. **Mauro também faz balada no estúdio.** set. 2009. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=RhycD0UhIG0>> Acesso em 15 nov. 2009

Autor Desconhecido. **Balanço Geral: Homem engole celular, carregador e droga.** ago. 2009. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=SgCz6IzSXYQ&feature=related>> Acesso em 16 nov. 2009

Autor Desconhecido. **Toma todas, leva tombo e sai rindo.** ago. 2008. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=IORp1QO6Bal&feature=related>> Acesso em 16 nov. 2009.

SITES PARA REFERÊNCIA

<http://www.arquivosbt.com>

<http://www.band.com.br>

<http://www.rederecord.com.br>

<http://www.recordrio.com.br>

<http://www.recordminas.com.br>

<http://www.tvvitoria.com.br>

<http://www.youtube.com>